

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ÚLTIMA DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS E A INTERPRETAÇÃO DA "PEDRA FORMOSA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1932 | Número: 42

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da "Pedra Formosa". *Revista de Guimarães*, 42 (1-2) Jan.-Jun. 1932, p. 7-25.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros

e a interpretação da «Pedra Formosa»

(Continuação da pág. 260 do vol. XLI)

III — Exame comparativo e interpretação do monumento

Para se tentar desvendar o uso ou aplicação do monumento aparecido na Citânia, a primeira questão a propor e definir prèviamente parece-nos ser esta: — ¿o monumento de Briteiros fica constituindo um achado original, sem paralelos na Arqueologia portuguesa, ou tem similares noutros castros? Podemos responder com segurança: — tem similares. Possuímos hoje elementos sufficientes para afirmar a existência de mais quatro monumentos congêneres, nesta região, e supomos até que êles seriam comuns à grande maioria dos nossos castros. ¿Como se explica, então, a sua raridade actual? — Porque sendo naturalmente êsses edificios os que, pelas suas proporções e configuração geral, mais atraíriam a atenção e curiosidade popular, era sôbre êles que havia de incidir mais intensamente a sanha violadora e destruidora, na procura dos *tesouros encantados*, na cobiça das *barras maciças de ouro*, no sonho deslumbrante das *riquezas dos mouros* lendários, que a imaginação, aliada à ignorância, architecta ainda hoje, e que entre nós tem sido, desde séculos, a causa das mais lastimáveis depredações das ruínas arqueológicas nacionais. E ainda porque, sendo estes monumentos subterrâneos, pelo menos em parte, com facilidade, uma vez abandonados definitivamente, as terras de aluvião cobririam, em pouco tempo, a sua parte aparente, constituída apenas pela entrada e átrio anexo, perdendo-se em breve todos os vestígios.

Devemos confessar, antes de mais, que foi ainda Martins Sarmiento quem, pelos seus preciosos Mss., em

parte inéditos ⁽¹⁾, nos colocou no caminho da identificação de outros monumentos da mesma natureza do que últimamente se descobriu em Briteiros.

Existem de facto indicações bibliográficas e vestígios materiais de outros monumentos semelhantes ao da Citânia. Pertencem êles: um à mesma Citânia de Briteiros, outro a Sabroso, outro à Citânia do Monte da Saia (Barcelos), e, finalmente, outro ao monte chamado do Castelo, de Vermoim (Famalicão). Dêstes, pelo menos, restam as provas que passamos a descrever. Mas iquantos haverá ainda soterrados nos nossos castros, sem que nos apercebamos da sua existência!

Erguia-se primitivamente na Citânia de Briteiros outro monumento idêntico ao que recentemente foi descoberto. A prova irrefragável disso é a existência da primitiva «Pedra Formosa», inteiramente semelhante à que presentemente se encontrou *in loco*. Mas ¿seriam estas duas Pedras semelhantes, realmente destinadas à mesma colocação e ao mesmo fim? Sem dúvida que eram. Torna-se, porém, indispensável que nós ponhamos bem evidentes as razões em que nos baseamos para defender esta afirmativa.

As nossas razões têm, felizmente, a concordância da opinião autorizada de pessoas competeníssimas no assunto, como a do Professor Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, que, em face do achado, nos declarou dar como prejudicada a sua antiga hipótese sôbre a «Pedra Formosa». A sua

(1) Há muito que estes Cadernos manuscritos deveriam ter sido publicados, convenientemente seleccionados e anotados onde fôsse necessário, apesar de Martins Sarmiento nada ter deixado determinado a respeito de tal publicação, nem sequer os ter mencionado no seu testamento, como é evidente, pois o Arqueólogo os considerava meros apontamentos de estudo. São hoje propriedade da S. M. S., por oferta da Viúva Sarmiento; mas a matéria que nêles se contém, interessando a todos os estudiosos, pertence ao mundo científico. Sob um ponto de vista geral, é portanto indiferente que seja a S. M. S. a editora da sua obra póstuma, ou qualquer outra casa, como, por exemplo, a Imprensa Nacional ou a Imprensa da Universidade de Coimbra. O essencial seria a sua publicação, que infelizmente vem sendo preterida, há tantos anos, por falta de recursos da Instituição que está na posse dêsses Mss. O mesmo critério se applica à importantíssima correspondência científica inédita de Sarmiento, parte da qual o Arquivo da Sociedade possui, nomeadamente a trocada entre o Arqueólogo Vimaranesense e Emilio Hübner.

antiga hipótese era a mesma de Sarmento, i. é — a de que a Pedra desempenhava o papel de uma espécie de *sacra mensa* (1), e portanto deveria ter a posição horizontal.

Os principais argumentos de M. Sarmento em defesa desta hipótese eram: 1.º, a pequena espessura da «Pedra Formosa» relativamente às duas restantes dimensões e, conseqüentemente, a falta de base de sustentação da Pedra na posição vertical; 2.º, a utilidade das cavidades comunicantes (fig. 3-a) que se observam sôbre a parte superior do recorte semi-circular, difficilmente explicáveis, colocada a Pedra verticalmente; 3.º, a sua repugnância em admitir a existência de um monumento funerário no interior da povoação, onde ela appareceu.

A última descoberta na Citânia veio esclarecer-nos que a «Pedra Formosa» podia e devia estar vertical, servindo de parede transversa, a meio de um corredor ou galeria coberta e fortemente comprimida nas paredes laterais dessa galeria. Tal posição é-nos ainda confirmada pelas mais antigas notícias que da referida Pedra possuímos, pois Francisco Craesbeck, antigo corregedor de Guimarães, escrevia, em 1723: *Em o alto da dita Citania está da parte do nascente huma cova donde se achou a pedra fermoza (que assim se chama hoje), a qual consta estar antigamente no dito sitio, posta ao alto. É mais adiante: Pello discurço do tempo cahio a dita pedra fermoza no chão* (2).

Diminuta importância ligou Sarmento a este importante Ms., que afinal exprimia a verdade, quando dizia constar que a Pedra estivera, na Citânia, *posta ao alto*. A tradição de ter estado numa *cova* é também concorde com a natureza da construção subterrânea do monumento de que fazia parte. A corroborar esta asserção temos ainda o

(1) Vid. Leite de Vasconcelos — *Religiões da Lusitânia* — Lisboa — vol. III — 1913 — págs. 616-618.

(2) Vid. Francisco Xavier da Serra Craesbeck — *Memorias resuscitadas da Provincia de Entre Douro e Minho* — 1726 — Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção de Reservados — F. G. n.º 217 — fl. 35 v. Aqui exaramos o nosso maior agradecimento ao Ex.º Director da Bibl. Nac., Sr. Ten. Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga, illustre investigador, que, com inextinguível amabilidade e solicitude, nos forneceu cópias dactilografadas e fotográficas dos passos que dêste Ms., e do citado na nota immediata, nos interessava conhecer.

texto do P.^o Luís Álvares de Figueiredo ⁽¹⁾, que escrevendo da Citânia, igualmente em começos do século XVIII, refere *hũ caza q̃. he a mayor q̃. se acha com parede ainda de dous, e trez palmos, esta dizem ser o Templo, e affirmou hũ homem q̃. haueria 30 anos, se lhe viã arcos subterraneos, por ser funda q̃. hũ chantre de Braga desfêz p.^a leuar p.^a hũa sua quinta as melhores pedras, entre as quais, foi hũa marmol. . .* A designação de *templo* dada a esta casa, que era a maior, e tinha arcos subterrâneos, por ser funda, parece-nos indicação suficientemente clara para podermos deduzir, interpretando convenientemente a descrição, que se tratava de um monumento do mesmo carácter do que foi agora exumado, e contendo, como êste, uma galeria coberta. Ali estaria a Pedra Formosa, que a fantasia do informador do P.^o Luís Álvares transformou em pedra *mármore*, querendo, talvez, com esta palavra, traduzir a ideia da sumptuosidade da sua ornamentação. Relativamente à intervenção de um chantre de Braga, a Pedra Formosa foi, de facto, deslocada para Santo Estêvão de Briteiros, pelo chantre Inácio de Carvalho, abade desta freguesia ⁽²⁾. Quanto ao carácter religioso do monumento — «templo», segundo Figueiredo —, também o texto de Craesbeck é concordante, dizendo que a Pedra Formosa teria servido *para os sacrificios gentilicios*.

Isto é o que nos afirmam os AA. mais antigos de que temos informação, que escreveram acerca da Pedra Formosa e monumento de que ela fazia parte integrante. Examinemos agora um detalhe da própria Pedra, muito concludente, à luz dos esclarecimentos que nos veio trazer a última descoberta da Citânia: A superfície ornamentada da antiga Pedra Formosa apresenta, na parte oposta à chanfradura semi-circular, dois profundos rebaixos ou sulcos rectilíneos formando um ângulo obtuso, com o vértice para o lado superior (fig. 3-a). Nestes cortes encostavam, evidentemente, as pedras da cobertura da respectiva galeria

(1) Vid. P.^o Luís Álvares de Figueiredo — *Relação das cidades antigas* — Ms. da Bibl. Nac., Secção de Reservados — F. G. n.^o 143 — pág. 136.

(2) Vid. Monografia de Mário Cardozo, *A Pedra Formosa* — Guimarães, 1929 — pág. 8.

coberta. Na interpretação de tais sulcos teve Sarmento a intuição nítida da sua utilidade, pondo a hipótese de que ali «descançava um tecto». E acrescenta: — «E' possível, em summa, que a *pedra formosa* fosse a parte posterior d'uma capella funeraria» (1). Mas o Arqueólogo não insistiu neste vislumbre e deixou-se prender na lógica irreduzível de um raciocínio subjectivo. E nem sempre as conclusões que nos parecem mais lógicas são as mais verdadeiras. Vemos agora como o argumento do precário equilibrio da Pedra na posição vertical era falível, dadas as condições especiais em que a Pedra seria mantida nessa verticalidade. E' certo não poder explicar-se satisfatoriamente a utilidade das pequenas cavidades comunicantes, na parte superior do rebordo do chanfro em semi-círculo, considerando a Pedra na posição vertical. Mas êste factor negativo é de uma diminuta importância perante a evidência dos argumentos a favor da verticalidade.

A não admissão de um monumento fúnebre no interior do povoado é igualmente um critério pouco decisivo sobre a verdadeira colocação da Pedra, porque tais monumentos, evidentemente religiosos, podiam ter ou não um carácter funerário, sem que, na segunda hipótese, sejamos obrigados a excluir a ideia de a Pedra Formosa ter sido colocada na posição vertical. Isto é — a Pedra podia não ser um monumento fúnebre ou estela, sem ser necessariamente uma ara, para manter na posição horizontal. A todas estas razões, porém, que hoje nos parecem de uma tão evidente clareza, só a nova descoberta veio dar a necessária consistência, tal como, na anedota atribuída a Colombo, se tornou fácil aos seus detractores manter um ovo em pé, depois de conhecerem a maneira prática de conseguir êsse equilibrio. Sarmento, perante os elementos de que dispunha, estava dentro de um critério perfeitamente aceitável. Hübner, discordando, teve, por seu lado, a intuição clara e precisa da posição da Pedra Formosa, e perfilhou, apesar de todos os argumentos em contrário, a hipótese de um monumento fúnebre, afirmando: «Os que dizem que a Pedra não pode haver pertencido a um monumento fúnebre, porque foi achada dentro do circuito

(1) *Revista de Guimarães* — 1904 — vol. XXI, 107.

murado, tiram uma conclusão muito arriscada. As disposições legais de uma civilização mais adiantada fizeram com que os túmulos fôsem separados em toda a parte, pouco a pouco, da habitação dos vivos, porém os povos dotados de uma civilização primitiva enterravam os seus mortos dentro das povoações ou perto delas, a fim de os ter perto, até na morte» (1). De facto o lugar das sepulturas era ordinariamente fora dos povoados, mas, primitivamente, os Romanos, por exemplo, sepultavam os mortos no recinto das cidades e até dentro das próprias casas.

Finalmente, outro argumento a favor da posição vertical da Pedra, como parte constitutiva de um monumento do mesmo carácter do que presentemente se descobriu, embora talvez mais sumptuoso, é o que resulta da recente interpretação da figura esquemática principal da sua ornamentação. Martins Sarmento viu no complicado desenho da Pedra Formosa apenas um simples intuito ornamental e decorativo. Modernamente, com a preocupação, talvez um pouco exagerada, de se procurar explicação simbólica para todos os elementos da arte chamada rupestre, pretendeu traduzir-se nas linhas fundamentais da Pedra uma estilização da figura humana; daqui nasceu, em parte, a hipótese, devida ao ilustre Arqueólogo espanhol Sr. Juan Cabré, de que a Pedra seria um *accubitum* (2). O recente achado

(1) Vid. Emilio Hübner — «Cifania», in *Archeologia Artistica* — Pôrto, 1879 — vol. I — fasc. V — págs. 19-20.

(2) Vid. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* — Madrid — Año I, t. I — 1922 — pág. 74 e segs.

As interpretações da arte esquemática rupestre são, por vezes, de um arrôjo excessivo. Sem dúvida que a arte rupestre, gravura ou pintura, é uma das manifestações mais interessantes e dignas de estudo das civilizações pre-históricas, arte que, na Península Ibérica, atingiu um marcado e invulgar desenvolvimento. Mas o significado preciso, pelo menos de certos símbolos ou esquemas rupestres, constitui uma incógnita cuja solução ficará por certo, indefinidamente, por encontrar, tanto mais que nos é hoje impossível abranger a noção precisa da mentalidade desses desenhadores primitivos, da sua vida psíquica, das suas ideias e relações sociais e religiosas, etc. Infelizmente, se desses remotos povoadores da nossa terra nem sequer conhecemos, com exactidão, as suas características antropológicas, ¿como prescuremos até onde chegava o poder das suas concepções abstractas, exteriorizadas num simbolismo tão simples quanto obscuro? A ciência não admite afirmações que tenham por único fundamento a nossa imaginativa, ou suposições apoiadas num critério meramente subjectivo. Inclusive,

do monumento de Briteiros, com sua galeria coberta, em duas águas, à qual encosta a nova Pedra Formosa, veio sugerir ao Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto a ideia feliz de que a decoração principal da antiga Pedra Formosa representa, nas suas linhas gerais, como que um «tectiforme», isto é — o esquema da cabana citaniense (1). Ora uma cabana, representada naquelas condições, era, sem dúvida alguma, para ser observada na posição vertical e não horizontal. De facto, algumas das numerosas representações esquemáticas chamadas símbolos *tectiformes* assemelham-se de um modo notável ao esquema fundamental da Pedra Formosa, sem que, por este facto, possamos estabelecer, evidentemente, qualquer traço de ligação imediata entre a cultura do Paleolítico superior, difundida pelos povos que traçaram aqueles símbolos e que pertenciam às idades remotas da rena e do mamute, e as civilizações castrejas da 2.^a Idade do Ferro, que produziram os monumentos do tipo do da Citânia (2).

até sobre a antiguidade de certas manifestações da arte rupestre devemos acautelar os nossos juízos, pois, como muito bem afirma o Sr. E. Frankowski, «muchas de las pinturas, al parecer antiguas, pueden ser añadiduras posteriores, con diferencia de miles de años, y su estilo, en muchos casos, no sirve para la apreciación de la época, porque sabemos bien que en el siglo XX algunos dibujan a la manera del hombre neolítico.» (V. *Estelas discoideas de la Península Ibérica* — E. Frankowski — Madrid, 1920 — pág. 134).

(1) Comunicação apresentada no Pôrto, em Novembro de 1930, à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia (V. *O Primeiro de Janeiro* — Pôrto, 20-XI-1930).

(2) Compare-se especialmente com certos *tectiformes* da gruta de Font-de-Gaume (Vid. Reinach — *Répertoire de l'Art quaternaire* — Paris, 1913 — pág. 78 e 80).

A decifração destes signos da arte paleolítica, tão frequentes nas paredes de várias grutas francesas, da região da Dordogne (gruta de Bernifal, Font-de-Gaume, Les Combarelles, etc.), na de Marsoulas (Haute-Garonne), e em Espanha nas cavernas de Altamira, del Castillo, etc. — está longe de ser evidente. É certo que os *tectiformes* fazem lembrar, pôsto que vagamente, a representação, em corte, de uma cabana, com a armação e vigamentos interiores. Hoernes, porém, hesita em lhes dar uma interpretação precisa (cf. *Prehistoria* — I, 46 — 2.^a ed. — 1928 — Barcelona); Bosch considera estes sinais «de difícil interpretação» cf. «La arq. prerromana hisp.» — Apêndice à *Hispania*, de Schulten — Barcelona, 1920 — pág. 139); Déchelette vê no signo da cabana, que muitas vezes aparece sobre desenhos de animais, uma marca tofémica, de posse, aplicada pelo caçador troglodita sobre o animal que êle assim conseguirá caçar (cf.

Também o ilustre Arqueólogo e Pre-historiador R. D.º Eugénio Jalhay, muito antes da descoberta do monumento de Briteiros, emitira opinião, concorde com a de Hübner, de que a célebre Pedra Formosa da Cifânia deveria ter estado na posição vertical e não horizontal ⁽¹⁾, e apontou-nos a flagrante semelhança das suas linhas gerais, salvo as proporções, com as de certas pedras sepulcrais do vale de Bureba (Burgos) ⁽²⁾, cujo aspecto é o imitativo da frontaria de um pequeno templo (*templete*), onde a cavidade inferior representaria a respectiva porta. Vê-se portanto que, de um modo geral, a ideia de Hübner sôbre a Pedra Formosa (frontão de um monumento) era a opinião exacta, e criara partidários convictos.

Após êste acertado confronto do Sr. D.º Jalhay, encontramos outros paralelos curiosos com certas estelas do Museu de Saverne, figuradas por Caumont ⁽³⁾, bem como, ultimamente, tomamos conhecimento de vários e importantísimos trabalhos do erudito Arqueólogo Sr. Dr. Emile Linckenheld, Conservador do Museu de Sarrebourg (Moselle), nos quais o A. disserta proficientemente sôbre estelas funerárias *em forma de casa* ⁽⁴⁾ e com decorações de carácter astral ⁽⁵⁾, na França e Alemanha, em território

Manuel d'Arch. — Paris — vol. I — ed. 1924 — págs. 269-270); Obermaier admite a possibilidade da representação de armadilhas para aprisionar «espíritos malignos» (cf. *El hombre fósil* — Madrid — 2.ª ed. — 1925 — pág. 274); Reinach tanto os supõe cabanas como armadilhas (cf. *Répertoire de l'Art quat.* — Paris, 1913 — págs. 19-27-78-80), etc. Como se vê, estas interpretações são bem precárias, quer na disparidade, quer na consistência.

(1) E. Jalhay — Artigo crítico, in *Brotéria* — Lisboa, 1930 — vol. X — pág. 127.

(2) E. Jalhay — «Las piedras sepulcrales romanas de la Bureba (Burgos)», in *Ibérica* — Tortosa, 1923 — Año X, n.º 459, págs. 13-14.

(3) A. de Caumont — *Abécédaire d'Archéologie — Ere gallo-romaine* — Caen, 1870 — págs. 519-520.

(4) E. Linckenheld — *Les stèles funéraires en forme de maison chez les Médiomatriques et en Gaule* — Paris, 1927; «Hausgrabsteine in Süddeutschland», in *Germania* — Ano XV, fasc. I — Jan.º de 1931 — págs. 28-36; «Dreiheiligen, ein keltischer Friedhof in den Vogesen», in *Elsassland-Lothringer Heimat* — Ano 7.º — 1927 — págs. 119-208.

(5) E. Linckenheld — *Revue celtique* — 1929 — vol. XLVI — «Symbolisme astral sur les monuments funéraires de l'Illyrie et des Vosges»; do mesmo A. «Les symboles astraux sur la céramique à la mollette de

primitivamente habitado por celtas. Nesta ordem de monumentos integra o Sr. Linckenheld a nossa Pedra Formosa.

Julgamos ter dito o bastante para nos convenceremos de que na Citânia existiu um monumento semelhante ao que nos foi revelado pela recente descoberta.

*

* *

A existência do outro monumento congénere, no castro de Sabroso, é-nos assinalada pelos excertos dos Mss. de Sarmento, publicados na *Revista de Guimarães*, após a morte do Arqueólogo, sob o título — «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães» (1). Nos apontamentos relativos a Sabroso, datados de 1876 a.1878, encontra-se a descrição de um monumento, que Sarmento aliás não logrou ver, por ter sido destruído anteriormente ao início das suas notáveis explorações, a qual, de um modo genérico, condiz com a do novo monumento da Citânia. Nessa descrição, pôsto que deficiente, porque foi colhida de informações, fala-se num *tanque quadrado*, lageado com grandes pedras (provavelmente o compartimento do edificio correspondente à galeria coberta), junto a um *forno de abóbada grosseira, mostrando por dentro sinais de fogo*, e regista-se a existência de um *cano rateiro*, sem dúvida para escoante das águas. Parte dos materiais do monumento, diz-nos o Arqueólogo que tinham ido parar a casa de um indivíduo, de apelido Caibro, do lugar das Pontes, junto às Caldas das Taipas, na estrada velha de Braga. Sarmento dá-nos conhecimento de uma grande pedra utilizada por êsse indivíduo na umbreira de uma porta, pedra que, pela sua descrição, nos parece teria pertencido ao pavimento do monumento destruído, nela assentando, em rasgos abertos transversalmente, a pedra que fechava o corredor coberto desempenhando o papel da Pedra Formosa. Não foi possível fazer hoje a identificação dessa

l'époque gallo-romaine» — Paris — Berger Levrault — 1928. O simbolismo astral em esfelas funerárias lusitano-romanas foi tratado por L. de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitania*, III, pág. 406 e segs.

(1) V. *Rev. de Guimarães* — vols. XXIII (1906), 41, 43 e 49 — XXIV (1907), 59 e 117 — XXVI (1909), 129.

pedra, empregada na umbreira, e que, segundo Sarmento, ostentava para o exterior os fais rasgos, porque o antigo dono do modesto prédio mandou cobrir toda a parede da fachada com uma incaracterística argamassa de cimento a que os artífices dão o nome de «carapinha», sepultando nessa máscara a pedra que nos interessava examinar. Não nos resta dúvida, no entanto, que em Sabroso existia um monumento igual ao da Cifânia, tanto mais que Sarmento aproxima aquele de um outro localizado no Monte da Saia, a uns 8 quilómetros de Famalicão; e, dêste último, pudemos nós, há pouco tempo ainda, examinar os vestígios escassos, mas suficientes para nos garantirem a existência ali de um monumento para os mesmos fins daquele que um acaso feliz pôs a descoberto em Briteiros.



O monumento da Saia, do qual Sarmento nos dá notícia detalhada nos seus Mss. inéditos, foi visitado pelo Arqueólogo duas vezes, uma em 1878 e outra em 1880. A descrição do achado, vinda a lume, anteriormente, num periódico de Ponte do Lima ⁽¹⁾, assinada por J. T. (iniciais de João Tôrres), despertou a curiosidade de M. Sarmento, que logo se dirigiu ao lugar indicado, a fim de proceder a um exame minucioso. Para demonstrar o grande interesse que o monumento lhe provocou, basta dizer que, persistindo tenazmente em o adquirir por compra, para o salvar da destruição completa, só passados 20 anos conseguiu que êle fôsse doado à Soc. M. S. ⁽²⁾, ao abrigo

⁽¹⁾ «As ruínas existentes no Monte da Saia», in *Commercio do Lima* — N.º 52, de 22-XI-1876, e N.º 59, de 10-I-1877. A amabilidade do Sr. Dr. João de Freitas, distinto médico em Ponte do Lima, devemos as cópias destes dois extensos e interessantes artigos. Aqui lhe reiteramos o nosso agradecimento.

⁽²⁾ O título de transmissão (doação), em poder da Soc. M. S., é concebido nos seguintes termos: «14-6-1898.—Doação feita por Simeão Ferreira de Macedo de Faria Gaio e esposa, Clementina Simões, com cessão e trespasse de todo o domínio, direito, acção e posse, à Soc. Martins Sarmento, dos seguintes bens: — 1.º, o *Forno dos Mouros*, com uma faixa de terreno em volta, contendo uma edificação arruinada, a norte, e uma cova onde em tempo existiu um tanque (medição desse terreno —

da lei de 21-6-1889, que permite às associações científicas a posse de bens imobiliários de carácter arqueológico, independentemente de licença especial do Governò. A esta propriedade da Sociedade, conhecida pela designação de «Forno dos Mouros», se refere vagamente O *Arch. Português* (1).

Fomos observar êste monumento em Dezembro de 1930. O Monte da Saia fica situado à esquerda da estrada Famalicão-Barcelos, rodeado pelas seis frêguesias de Silveiros, Carvalhas, Chorente, Chavão, Grimancelos e S. Pedro do Monte. O cimo do Monte, ponto trigonométrico de cota 303, cujo marco geodésico está hoje destruído, chama-se Alto do Livramento, e ali houve, em tempos idos, uma ermida da invocação da S.^a do Livramento. Ainda hoje reza a tradição local que essa ermida fôra mandada construir por um navegante que, ao regressar do Brasil, prometera, em hora de temerosa tempestade, se as ondas o não fragassem, mandar erigir uma capela à S.^a do Livramento, no monte de Portugal que primeiro avistasse. Não sei se, do mar, o Monte se destacará especialmente dos outros da mesma corda, de maneira a ser notado com facilidade, mas é certo que do alto se avista uma longa faixa da costa, entre a Póvoa de Varzim e Espôsende.

O Monte é coroado por um extenso planalto onde, indubitavelmente, assentou um castro, pois ainda se vêem restos de alicerces das primitivas casas circulares, junto a um moinho de vento abandonado. Do lado norte distingue-se também perfeitamente, na orla do planalto e numa grande extensão, uma elevação artificial do terreno, que constituía a defesa nessa frente. Parece que nunca teve

a nascente 15^m,60, poente 15^m,60, norte 7^m, sul 12,70), situado na vertente poente do Monte da Saia, frêguesia das Carvalhas, concelho de Barcelos, e bem assim a servidão a pé para o dito Forno, a partir do caminho da Mafá de Baixo; 2.º, uma lage com diferentes desenhos gravados e algumas *fosselles* (buraquinhas), a qual mede 6^m,50×5^m,10, e bem assim uma faixa de terreno em volta com a largura de 0^m,50, situada no sítio denominado as Lages, no Monte da Saia, sobre a Quinta da Portela e junto ao caminho que vai para Chavão, doando também a servidão de trânsito a pé para a dita lage, a partir do caminho de Chavão. (Vid. referências na *Rev. de Guim.*—vol. XIII—1896—pág. 84, 89 e 145; vol. XV—1898—pág. 154).

(1) Vol. XII—1907—pág. 280.

revestimento de pedra, ou lhe foi arrancada em época remota, pois nas «Memórias paroquiais de 1758» se lê: *junto a dita ermida está hum pedasso de terra cham cercado de fortes feitos antigamente de terra* (1). Perguntando ao nosso guia, na ocasião em que visitámos o castro e o Forno dos Mouros, qual o nome que o povo dava ao Monte, respondeu-nos, sem hesitação, que lhe chamavam *Cidade da Citaina* (assim referido também nas aludidas Memórias), e que ali tinham habitado os *mouros*.

O «Forno dos Mouros» fica situado na vertente poente do Monte, numa quebrada a meia encosta, encravado em terreno de mato pertencente ao proprietário, da freguesia das Carvalhas, Laurentino de Faria Gaio, herdeiro dos antigos possuidores que doaram o Monumento à Soc. M. S. O monumento foi pôsto a descoberto casualmente, há mais de meio século, pelos cortadores de pedra (*montantes*) (2) destinada às obras do C. F. do Minho, que passa perto. Ao darem com êle, conta o articulista do *Commercio do Lima* (3), estimulados pela ânsia de encontrarem algum tesouro escondido, trabalharam constantemente seis homens no desatêrro do edificio, durante uma semana inteira, desmoronando e truncando bãrbaramente o que quizeram. Apesar disso, ainda hoje se pode observar a seguinte construção enterrada: uma parte circular constituída por paredes de pedra, fechando para o lado superior, em falsa cúpula, da qual desapareceram as pedras da cobertura ao fecho; o diãmetro desta construção é de 2 m., apresentando uma altura um pouco menor. Por uma abertura de 1^m,35 de largo, servindo de porta, comunica com um corredor de 2 m. de largura por 2^m,86 de comprido, e êste, por sua vez, liga-se a um recinto quadrangular, mais vasto, com cêrca de 3 m. de lado. Todo o aparelho desta construção é de pedra miúda.

Como se vê, o traçado geral dêste edificio é de uma

(1) V. Extractos Arqueológicos das «Memorias parochias de 1758», por Pedro A. de Azevedo, in *O Arch. Port.* — VII — 1902 — pág. 240, n.º 464.

(2) Palavra do dialecto minhoto, que significa — empreiteiro que fornece a pedra cortada nas pedreiras (Cf. Leite de Vasc. — *Opúsculos*, vol. II, pág. 500).

(3) Cf. o n.º 52 de 22-XI-1876.

flagrante semelhança ao do monumento da Citânia. Mas a identidade completa-se absolutamente se nos reportarmos aos detalhes, hoje infelizmente desaparecidos, de que nos dá notícia o autor dos artigos do *Commercio do Lima*, que visitou estas ruínas logo após a sua descoberta. Diz-nos êle que, num recanto do compartimento mais largo, existia uma escada de três degraus, e, no mesmo recinto, se via, encostado a uma das paredes, um tanque para onde outrora corria a água, certamente de uma nascente que lhe fica 15 a 20 m. ao lado sul, chamada a Fonte do Pêgarinho, cuja água é tida ainda hoje por milagrosa. Esse tanque, que continha (como o de Briteiros) um orifício de escoante das águas, apresentava também uma bica ou caleira de pedra, «inteiramente tôasca» diz a narrativa, e duas das pedras que constituíam as guardas laterais de tal recipiente eram esculpidas. Salvas da escavação vandálica, estas esculturas encontram-se hoje, felizmente, mercê dos esforços de Sarmiento, no Museu Arqueológico da Soc. M. S., e constituem um inapreciável documento para a interpretação d'êste género de edificações, como no decurso do presente estudo se verá.

Estas duas pedras já não estão inéditas; foi dada notícia delas, pela primeira vez, em 1876, nas páginas do *Commercio do Lima*, em seguida n' *O Arch. Port.*, em 1907 ⁽¹⁾, e, finalmente, no vol. III das *Religiões da Lusitania*, do Sr. Dr. L. de Vasc., publicado em 1913 ⁽²⁾. Em nenhum d'êstes lugares, no entanto, se lhes atribue a significação particular que nos parece elas devem ter, nem se lhes fixa o valor especial que representam. Nas *Rel. da Lus.* o Sr. Prof. L. de Vasc. dá-lhes a designação comum de *estelas*, classificando-as de «ex-votos», mas certamente desconhecia que tais pedras faziam parte constitutiva da parede ou guardas de um tanque, tendo, portanto, também um fim utilitário e não essencialmente votivo, muito embora êsse tanque se destinasse porventura a quaisquer práticas rituais, correlacionadas, por exemplo, com o culto das

(1) Vol. XII — 1907 — pág. 280.

(2) Cf. pág. 510 a 512.

águas, como queria Sarmiento ⁽¹⁾, ou com outro culto qualquer.

O Sr. Dr. L. de Vasc. descreve assim as duas pedras (fig. 13): «Em cada uma das estelas se representa um nicho, curvo em cima. No da fig. . . . abriga-se um perso-



Fig. 13 — Esculturas do Forno dos Mouros (Monte da Saia — Barcelos), no Museu da Soc. M. S.
Dimensões : 0,97 X 0,40 e 0,90 X 0,53. Espessura, 0,20
(A altura foi tomada na linha média).

(Fot. do autor).

nagem de pé, vestido de túnica; tem o braço direito em flexão, e com a mão esquerda segura o galho de um touro, de que só porêm se distingue a cabeça, vista de frente, e parece que as pernas (assim interpreto os lavores que se notam na pedra). No da fig. . . . abriga-se outro persona-

⁽¹⁾ V. F. Martins Sarmiento — *Relatório da Expedição Científica á Serra da Estrella em 1881* — «Secção de Arqueologia» — Lisboa — Imprensa Nacional — 1883 — pág. 14 e nota 1.

gem de lúnica, as pregas da qual são bem claras; o rosto do personagem é comprido, o cabelo ou toucado cai para os lados; o braço direito está em flexão, e a mão segura um objecto indecifrável, que se confunde com o ombro esquerdo. Altura das duas estelas pouco mais de 1 metro; largura uns 4 a 5 decímetros; espessura uns 2 decímetros.» Escapou, porém, ao Sr. Dr. L. de Vasc. um detalhe particular nesta descrição sumária, detalhe que se nos afigura de uma importância capital:— a alusão a que nestas duas pedras se vê, na parte superior, um profundo desgaste reentrante, em arco, como que produzido pelo afiar de quaisquer instrumentos cortantes, desgaste que nos aparece também, como vimos, nas guardas do tanque do monumento da Citânia (cf. pág. 208 do vol. XLI). O articulista do *Commercio do Lima* diz, sobre êste ponto: «Estavam estas pedras colocadas ao alto, unidas, e formam ambas pelo lado superior uma coroa com o arco voltado para baixo.» Fixemos, pois, êste importante detalhe, ao qual voltaremos oportunamente.

Nas encostas do Monte da Saia e vizinhanças. do Forno dos Mouros encontram-se vários penedos com insculturas, contendo também um dêles uma sepultura rectangular, com o comprimento de 2^m,37 por 0^m,75 de largo e 0^m,53 de profundidade. Um desses penedos, quasi rasante com o solo, na meia encosta do lado nascente, junto a um caminho rústico que conduz à frêguesia de Chavão, no sítio chamado As Lages, apresenta-se repleto de gravuras constituídas por círculos concêntricos, fossetas, um têtéráscele inscrito num círculo, etc. (1). Entre os círculos concêntricos há associações curiosas, como a da fig. 14-1.º, que me parece inédita na nossa arte rupestre e faz lembrar certas insculturas dolmênicas de Lough Crew (2). Outro desenho interessante que ali observámos, num penedo já perto do Alto do Livramento, é o que representamos no

(1) Este penedo com insculturas também foi adquirido para a S. M. S., quando da doação do Forno dos Mouros, pelo incansável esforço de M. Sarmiento em salvar da destruição tão importantes monumentos do Passado. Cf. nota 2 de pág. 25.

(2) Na câmara do *cairn* L. citado por Fergusson, in *Rude Stone Monuments* — Londres, 1872 — pág. 217, fig. 75.

n.º 2 da mesma fig. 14, constituído por uma cruz equilateral cercada de pequenas fossetas (¹). E' oportuno dizer que também junto ao novo monumento citaniense se encontram numerosos penedos com insculpturas, algumas bastante originaes, como a que reproduzimos na fig. 15, já notada por M. Sarmiento (²). Infelizmente muitos d'esses penedos desapareceram, soterrados ou partidos, na ocasião da abertura da nova estrada, tendo sido sacrificados às necessidades do traçado.

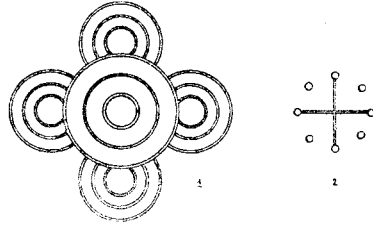


Fig. 14 — Gravuras rupestres do Monte da Saia.
(Des. do autor).

Daquele, cuja gravura reproduzimos, salvou-se apenas uma parte, não tendo escapado ao camartelo a espiral que Sarmiento reproduziu no mesmo agrupamento. Perto do monumento de Briteiros existe ainda um grande lascão de pedra, fazendo lembrar uma das capas laterais de uma câmara dolménica e contendo uma perfuração circular, que não é fácil distinguir se se deve ao trabalho humano, se a um simples fenómeno de desagregação do granito (³).



Fig. 15. — Gravuras rupestres das proximidades do Monumento da Citânia. (1/3 da gr. nat.)

(Des. do autor).

Finalmente, no Forno dos Mouros apareceu uma pedra avulsa com dois suásticas de braços curvos, da qual Sarmiento nos dá notícia, bem como dos vestígios de uma «mina» sob uma das paredes da construção, certamente o cano escoante das águas.

A analogia d'este monumento com o da Citânia é

(¹) Cf. este signo e sua interpretação em Alviella, *La migration des symboles* — Paris, 1891 — págs. 86-87.

(²) Vid. *Revista de Guimarães* — vol. XXI (1904), pág. 61.

(³) Vid. *Revista de Guimarães* — vols. XIX, 116; XXII, 23; XXIV, 54; XXXII, 365; XXXIII, 97.

algumas pedras grossas, q. os excavadores de certo contavam extrahir.

Duas das pedras já extrahidas denotavam terem sido requemadas pela acção do fogo. Uma delas tinha umas cavidades.

Para mim a caza conica é um edificio identico ao da Saia e do Sabroso.»

Como se vê, Sarmiento não duvidou correlacionar este novo monumento com os da Saia e de Sabroso, supondo-os todos três, pelo aparecimento de tanques e condutos de água, saniuários consagrados a qualquer divindade das águas (1). Se, porém, é certo que o monumento da Saia fica situado a pequena distância de uma nascente, aquele que presentemente foi descoberto na Citânia fica muito longe da nascente donde brotava a água para o respectivo tanque, pois, como dissemos (cf. pág. 208 do vol. XLI), a agua que para ali corria era a que trasbordava do reservatório destinado ao abastecimento da povoação, reservatório que, por sua vez, já recebia a água de uma fonte distante. É o culto das divindades das águas era naturalmente consagrado àquelas que presidiam às nascentes com propriedades *miraculosas*, e nunca às águas de simples escorros trasbordantes de qualquer represa ou reservatório para uso vulgar. Todas as fontes santas tinham *virtude*. Umas verdadeira virtude pelas suas propriedades medicinais, outras «só aquela que a fé dos crentes lhes attribuí», como diz o Sr. L. de Vasc. (2). Ainda hoje assim é, para o povo. A santificação e culto das águas teve, sem dúvida, na Lusitânia, em todos os tempos, e nomeadamente na época lusitano-romana, uma larga expansão. De várias divindades indígenas presidindo a este culto temos hoje segura notícia, como de Bormanico, Durio, Tongoenabiago, Tameobriago, Navia, etc. (3). Pelo

(1) Vid. ob. cit. na nota 3 da pág. 50.

(2) Vid. *Religiões da Lusitânia* — Lisboa — vol. II — 1905 — pág. 238.

(3) Existe hoje uma larga bibliografia a propósito destas e outras divindades locais. Encaminhamos, porém, o leitor, especialmente para a ob. cit. na nota anterior (págs. 234, 239, 266, 277 e 319, do vol. II), onde se colhem as informações precisas.

estudo de tal culto se conclue que se tratava sempre de fontes termais, ou de outras com propriedades curativas, ou então da massa aquática, de um modo generalizado, como elemento natural e criador, i. é—de rios divinizados ou do próprio mar. No pequeno tanque do monumento da Citânia, e por certo nos outros que lhe eram análogos, estamos em presença de um reservatório para fins utilitários, quer dizer — a água ali contida não era pròpriamente o elemento consagrado ou divinizado, mas destinava-se apenas a lavagens, ou seria, quando muito, um simples auxiliar de quaisquer práticas rituais, ligadas, sem dúvida, a determinadas crenças religiosas (cf. pág. 28).

Em face do estudo comparativo que acabamos de realizar, não repugna admitir que em todos ou muitos dos nossos castros houvesse monumentos desta natureza, os quais, no decurso dos séculos, a ignorância popular, incitada pela ambi o de fantásticas riquezas, tem destruido aos poucos. Desses vandalismos temos, nos monumentos agora estudados, um exemplo frisante, havendo na destrui o do da Saia trabalhado, impunemente, seis homens durante uma semana! (1) A memória destes edificios transitou possivelmente para a tradi o popular sob as designa es, tão vulgares na região, de «fornos», «açougues» e «fontes» dos mouros, sempre aliadas   existência lendária de grandes tesouros ocultos. E o povo, na expressão concisa de Sarmento,   ainda, e sempre, «o melhor guarda da tradi o».

(Continua).

MÁRIO CARDOZO.

(1) Urge que a Sociedade Mart ns Sarmento, proprietária deste monumento, mande balizar a faixa de terreno circunjacente, que também lhe pertence, e cortar os pinheiros que estão engrossando por entre as pedras e destruindo as paredes.